



ARTIGOS



Menos Repulsa, Mais Fascínio:
Feminização Dos Homens Héteros No Coito E Repúdio Freudiano Da Feminilidade

Fernando MASCARELLO, *Universidade do Vale do Rio dos Sinos*

Amadeu de Oliveira WEINMANN, *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

Resumo: Nesse artigo, oferecemos uma reflexão sobre as práticas de feminização dos homens heterossexuais no espaço do erotismo, especialmente em suas formas mais contundentes e psiquicamente ameaçadoras, de que tomamos como exemplos a erotização anal masculina e os erotismos tântrico e taoísta. Essas práticas feminizantes, embora venham exercendo, nas últimas décadas, crescente fascínio sobre muitos homens héteros, seguem produzindo forte repulsa psíquica e permanecem, por consequência, segregadas no terreno da ininteligibilidade cultural. Com vistas a contribuir para a elaboração teórica sobre o tema em psicanálise, buscamos, mais especificamente, sugerir a relativização, expansão e complexificação da noção de repúdio à feminilidade pelos sujeitos masculinos heterossexuais formulada por Freud (1991 [1937]), atualizando-a pela e para a contemporaneidade cultural. Desse movimento de atualização, entendemos que deveria resultar, conceitualmente, uma menor ênfase dessa noção freudiana sobre a repulsa e um maior espaço, nela, ao fascínio dos homens héteros com respeito à sua feminização. Ao recorrer a conceitual não apenas do campo psicanalítico contemporâneo, mas também do campo dos estudos de gênero e sexualidade, procuramos ainda situar nosso trabalho teórico em um horizonte (micro)político, tendo em vista o papel central desempenhado pelo repúdio à feminilidade na reprodução da heteronormatividade, da misoginia e da homofobia.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades. Heterossexualidades. Psicanálise. Tantra. Taoísmo.



Menos Repulsa, Mais Fascínio: Feminização Dos Homens Héteros No Coito E Repúdio Freudiano Da Feminilidade

No filme *eXistenZ* (1999), do cineasta canadense David Cronenberg, os protagonistas Ted Pikul (Jude Law) e Allegra Geller (Jennifer Jason-Leigh) aventuram-se pelos diversos estratos de realidade virtual abertos aos jogadores pelo game homônimo ao título do longa-metragem. Para dar início ao jogo, os personagens têm de plugar-se ao console com uma espécie de fio-tentáculo (chamado “Umbycord”) que se insere em uma bioporta protética, assemelhada a um ânus, instalada na região de suas vértebras lombares. Depois de Allegra convencer Pikul a jogar o game, vencendo suas não poucas resistências e penetrando sua “prótese anal” com o Umbycord, os dois parceiros, em que pesem as continuadas hesitações de Pikul, irão passar a maior parte do filme no universo virtual de “eXistenZ”. Enquanto isso, seus corpos repousam estendidos sobre uma cama, lado a lado e bem acomodados, ou, nas palavras da protagonista, “como se estivessem meditando”.

Por meio dessa última imagem e de uma consistente série de outros significantes fílmicos (narrativos, iconográficos etc.), o filme de Cronenberg articula uma fértil alegoria de um coito onde ambos os *partenaires* são passivos, dedicando-se a prazeres desviantes, não-heteronormativos, uma vez que historicamente vinculados ao feminino... São os prazeres da família da entrega, da pele, da demora, da penetrabilidade e da interioridade, fomentadores em potencial de uma dinâmica de desterritorialização erógena, de um “para além do genital”.

De fato, em nossa leitura, a alegorização fílmica desse coito feminizante, mais que sua figuração alegórica mais visível da erotização anal masculina, estimula ainda à construção, pelo espectador ou crítico, de uma segunda camada alegórica, a qual, por seu turno, remete ao erotismo de extração oriental – tântrico, taoísta – importado em passado ainda recente, pelo Ocidente, de suas geografias culturais de origem na Índia, China e Tibete. Porque nessa espécie de prática erótica vinda do Oriente – assim como na transa alegorizada no filme –, a passivização e feminização contemplativas, organizadas em torno ao evitamento do orgasmo ejaculatório (e, originalmente, ligadas a rituais meditativos...) encaminham, igualmente, à experimentação de prazeres “não-genitais” de



que são exemplo, entre outros, o “orgasmo seco” do homem e o êxtase místico (CARRELLAS, 2007; CHIA; WINN, 1984; KOHN, 2009; KOHN; WANG, 2009; KRIPAL, 2007; URBAN, 2000, 2003).

eXistenZ é uma entre as várias obras notáveis de David Cronenberg, o diretor que se celebrizou, sobretudo entre as décadas de 1980 e 1990 (com filmes como *Crash – Estranhos Prazeres* [1996], *Videodrome: A Síndrome do Vídeo* [1983], ou o recente *Crimes do futuro* [2022]), por sua investigação recorrente das sexualidades dissidentes e das incidências (muitas vezes “mutantes”) das tecnologias protéticas e midiáticas sobre os corpos, contra o pano de fundo do capitalismo corporativo pós-industrial. Isso tudo, quase sempre, em vinculação com o fascínio e a repulsa, concomitantes (tal como vividos por Pikul junto a Allegra), exercidos pelo feminino exterior e/ou interior sobre seus protagonistas homens (LOREN, 2011; WILLIAMS, 1999).

Pareceu-nos oportuno apresentar aqui, a título introdutório, as alegorizações da erotização anal masculina e do erotismo tântrico e taoísta em *eXistenZ* como exemplos a um só tempo instigantes e enfáticos – na sua interpretação criativa por Cronenberg – do fenômeno mais amplo que é ponto de partida para nossas indagações teóricas no presente artigo: o da feminização do homem heterossexual no espaço das práticas eróticas.

Em sintonia com o que sugeria Freud (1996 [1908]), Cronenberg é o típico artista cujos devaneios criativos, ao serem tramados textualmente (no caso, em texto fílmico), dão materialização significativa àquilo que, ainda pouco inteligível, emerge e pede passagem, como angústia partilhada no social, à espera de legibilização cultural – podendo servir, por isso, à escuta e à elaboração teórica psicanalíticas. Essa pouca inteligibilidade cultural distingue ambas as práticas sexuais hétero assinaladas: seja a erotização anal masculina no coito, seja o erotismo de origem oriental introduzido, com mais ênfase, nos últimos 50 ou 60 anos na Europa e nas Américas.

Embora cada vez mais buscados, na alcova, às vezes com as parceiras conjugais, outras vezes pelo recurso a prostitutas (como na clássica análise de Lynne Segal (1994), a partir de fontes etnográficas), os prazeres envolvendo a erotização do ânus do homem hétero seguem objeto de recalçamento cultural (o vulgo “terror anal” (SÁEZ; CARRASCOSA, 2011; PRECIADO, 2009)) no discurso público e também no privado – mesmo quando não incluem o *pegging* (penetração com plugue anal ou dildo, associada ou não ao uso de cinta pela mulher e



popularmente conhecida como “inversão”) ou práticas ainda mais minoritárias como a dominação. Por outro lado, as fantasias em torno à sexualidade tântrica ou taoísta vêm, sem trégua, fascinando (por vezes levando até a exibicionismos, é bem verdade...), mas, especialmente, deixando em sobressalto as mentes e corpos ocidentais desde os primeiros contatos mais substantivos, com ela travada, pelo colonizador britânico na Índia do séc. XIX – conforme bem descreve Hugh Urban (2003), um dos expoentes dos estudos acadêmicos tântricos e taoístas consolidados nas universidades europeias, estadunidenses e asiáticas ao longo dos últimos 30 anos.

Na comparação com o renitente caráter abjeto (e também fascinante...) dessas duas formas de práticas eróticas heterossexuais e, de modo geral, da maioria das numerosas possibilidades feminizantes do homem no coito hétero – de que a erotização anal e o erotismo tântrico e taoísta são apenas dois exemplos mais agudos –, outros modos de feminização (extra-coito) dos homens héteros, em larga medida consequência, depois dos anos 1960, do empoderamento das mulheres e da visibilização da cultura LGBTQIA+, já têm sido postos em ação, nas últimas décadas, de maneira bem mais assertiva e socialmente assumida e/ou estimulada. Como exemplos muito representativos, podemos pensar nos fenômenos da “metrossexualidade” e da afirmação dos aspectos maternais da paternidade, fartamente documentados por pesquisadores do campo dos *men’s and masculinities studies*, na esteira do seminal *Masculinities*, de Raewyn Connell (1995). Seguindo no universo do cinema, filmes como o inaugural *Três solteirões e um bebê* (Leonard Nimoy, 1987), reconfigurados com frequência em títulos como *Operação babá* (Adam Shankman, 2005), ou a *persona* pública e parte da filmografia de atores como Brad Pitt, George Clooney ou Ryan Gosling, atestam a emergência e consolidação de cada um desses fenômenos – reverberados, também, pela pesquisa acadêmica do campo dos estudos de cinema (p. ex., Cohan e Hark (1993), Greven (2009) e Neale (1983)).

O que parece suceder, portanto, é que, no seio do continente mais abrangente desse robusto fenômeno pós-anos 1960 de crescente feminização do homem heterossexual, o território em que esta é marcadamente mais recalcitrante, sob o ponto de vista de sua visibilização e inteligibilização culturais, é aquele mais pontual e preciso – ainda que aberta e criativamente plural e progressivamente mais explorado – da feminização do homem durante o coito hétero. Frente a esse fenômeno de



continuado recalçamento cultural, o que tem a psicanálise a dizer e/ou pensar?

Para responder a essa indagação, é preciso recordar, preliminarmente, que, segundo a visão de diversos autores psicanalistas mais recentes, a teorização em psicanálise está em mora com uma melhor compreensão, ou, mais precisamente, uma maior atenção às dinâmicas psíquicas constitutivas tanto dos sujeitos masculinos (AMBRA, 2015; BLEICHMAR, 2006; FOGEL, 2006, 2009; SCHNEIDER, 2006) quanto dos sujeitos heterossexuais tomados como “normais” (ou “não-perversos”) pela tradição psicanalítica (CHODOROW, 1994). Teóricos como Silvia Bleichmar, Monique Schneider, Gerald I. Fogel e Nancy Chodorow, ao assinalarem as lacunas e insuficiências da elaboração psicanalítica nessas áreas temáticas, postulam que essa carência de teorização é consequência de um denodado interesse da psicanálise, desde as origens, pelos temas que lhes são complementares: a feminilidade, por um lado, e a homossexualidade e as perversões, por outro. Frente a esses “enigmas teóricos”, a masculinidade e a heterossexualidade vieram a ser vistas como pressupostas, naturalizadas e aparentemente homogêneas, como se não fossem, da mesma maneira que seus pares complementares, construídas (psicossexual e culturalmente) e enormemente plurais, para não dizer singulares.

Como logo veremos, alguns aportes teóricos importantes, produzidos, entre outros, pelos autores acima, já têm sido trazidos à arena da reflexão psicanalítica sobre a(s) masculinidade(s) e a(s) heterossexualidade(s) no sentido de confrontar-se com essas carências. Nesse artigo, partindo de um interrogante específico – como melhor compreender a repulsa dos homens héteros à sua feminização durante o coito – e esperando contribuir, com algum *insight*, a essa reflexão contemporânea mais ampla sobre a(s) heterossexualidade(s) masculina(s) em psicanálise, lançamo-nos a um esforço teórico bem delimitado.

Nossa estratégia consiste em um retorno à obra freudiana através de uma das noções que nela terminam por se sedimentar, entre as décadas de 1920 e 1930, sobre a temática da diferença sexual: a do repúdio da feminilidade pelos homens heterossexuais. Como objetivo específico, pretendemos sugerir a relativização, expansão e complexificação dessa noção formulada por Freud (1991 [1937]), atualizando-a pela e para a contemporaneidade teórica e cultural. Utilizamos, para tanto, parte do ferramental teórico, acima referido, já disponibilizado por Bleichmar,



Schneider e Fogel, e recorreremos, ainda, a conceitual retirado aos estudos de gênero e sexualidade, como as categorias das “masculinidades heterossexuais dissidentes” (SAVRAN, 1998; CASALS, 2011, entre outros) e as noções de “homens hétero-queer” (HEASLEY, 2005), “abjeto” (BUTLER, 2002, 2003) e “pânico homossexual” (SEDGWICK, 1985).

Entendemos que, de uma atualização teórica nesses termos, deveria resultar, conceitualmente, uma menor ênfase da noção freudiana de repúdio à feminilidade sobre a repulsa e um maior espaço, nela, ao fascínio dos sujeitos masculinos heterossexuais com respeito à sua feminização. Em nosso ponto de vista, isso introduziria mais um vetor, entre outros que já vêm sendo propostos recentemente no campo, para uma mais fecunda integração teórica do feminino (e, ocasionalmente, também do homossexual, por razões que logo discutiremos teoricamente) à compreensão psicanalítica da subjetividade e da sexualidade dos homens héteros.

Consideramos que isso poderia contribuir, também, para algum aprimoramento do entendimento psicanalítico dessas manifestações que se fazem mais frequentes, no decorrer dos últimos 50 anos, no universo da heterossexualidade masculina – mas que são ainda um tanto quanto recalçadas psíquica e discursivamente –, de feminização dos homens héteros no espaço de suas experiências eróticas e, como parte delas, destacadamente, práticas mais contundentes e ameaçadoras como a erotização anal masculina e o erotismo de origem oriental.

Sendo o objetivo do presente texto claramente teórico, é fundamental, ainda, localizar teórica e epistemologicamente nosso entendimento do conceito de “feminino”. Ele é aqui empregado, para além de seus aspectos históricos e culturais, também em um sentido filosófico (epistemológico, ontológico, político) assentado no reconhecimento da *diferença sexual*. Passadas cinco e três décadas, respectivamente, do advento do pensamento feminista acadêmico e da teoria queer, o fato é que diversas modalidades de reconhecimento teórico da diferença sexual – mesmo que controversas e com frequência alvo de críticas pelo suposto caráter conservador de seu dualismo e/ou essencialismo –, seguem definindo hoje vertentes teóricas importantes *empenhadas na crítica ao patriarcado e à heteronormatividade*, as quais podem ser encontradas no interior tanto da psicanálise contemporânea de corte não-falocêntrico, quanto da teoria feminista.



Começando pela psicanálise não-falocêntrica, um conjunto representativo de teóricas e teóricos psicanalíticos, embora ainda minoritários, têm se lançado, nas últimas três décadas, a revisar e reelaborar teoricamente a dimensão feminina da psicosexualidade, retirando-a de seu estatuto de inferioridade e imperfeição consignado pelo par fálico/castrado e pela inveja do pênis. Uma positivação da feminilidade pode ser vista, por exemplo, na obra do francês Jacques André (1996 [1995]), o qual não apenas promove um resgate teórico contundente da dinâmica psíquica relativa às sensações vaginais precoces da menina – contestando a vinculação da feminilidade à inveja do pênis –, como propõe que a feminilidade seria definidora das próprias origens da sexualidade em ambos os sexos. Por sua vez, o já citado estadunidense Gerald I. Fogel (2006; 2009) busca positivar a dimensão feminina da psicosexualidade conferindo-lhe nomeação conceitual mais definida, denominando-a “cloacal” por associá-la à “interioridade genital” (incluindo as porções internas do pênis, a próstata e o ânus) *de mulheres e de homens*. Fogel postula considerá-la como a “metade feminina” constitutiva dos sujeitos de qualquer sexo – da mesma forma como “fálico” refere à “metade masculina” – e a relaciona com a passividade, penetrabilidade, receptividade, plasticidade e abertura à alteridade e ao imprevisto.

Pensamos que a manutenção da ideia de diferença sexual, nas formulações dessa vertente teórica psicanalítica não-falocêntrica, se coaduna (embora as óbvias assimetrias disciplinares entre as concepções psíquica e filosófica do feminino) com o entendimento filosófico de feminino defendido por diversas autoras reconhecidas da teoria feminista no século 21, com destaque para algumas *feministas neomaterialistas*.

Boa parte dessas últimas, como as australianas Alison Stone (p. ex., 2006; 2016) e Elizabeth Grosz (p. ex., 2004), inspiram-se filosoficamente na ontologia e na política da diferença sexual formuladas, ao longo de sua trajetória, por Luce Irigaray (1974; 1977; 1984; 1992, entre outros). A fim de contornar alguns problemas importantes que identifica na segunda metade do percurso de Irigaray, a partir da segunda metade dos anos 1980 – como sua pouca atenção à interseccionalidade e aos intersexuais, concomitante a eventuais tendências ao heterossexismo –, é muito interessante observar como Stone propõe um movimento de síntese, mediado pela filosofia da natureza de Schelling, entre o essencialismo irigarayano e o antiessencialismo construcionista e performativista de Judith Butler. No modelo ontológico neomaterialista



que disso resulta, a autora assevera a possibilidade de um *desdobramento histórico* (Schelling) *da natureza-cultura feminina*, que contemple não apenas a (re)construção de uma cultura feminina superadora do patriarcado, mas também a manifestação e afirmação das *múltiplas combinatórias potenciais* entre o feminino e o masculino. Em razão disso, nessa formulação de Stone, restam acolhidas, em uma atitude integradora, tanto a diferença ou dualidade sexual irigarayana quanto a multiplicidade reivindicada por Butler e outros teóricos queer – atitude que, pessoalmente, nos ocorre designar como uma “queerificação da diferença sexual”.

Enfim, é munidos desse entendimento psicanalítico e filosófico e do feminino, reconhecedor da diferença sexual e aberto à multiplicidade e à diversidade queer, que empreendemos a reflexão ora apresentada. Na próxima seção, procedemos a uma revisão teórica preliminar, introduzindo e mobilizando o conceitual já mencionado de autores da psicanálise e do campo dos estudos de gênero e sexualidade – os quais utilizamos como fontes para nosso trabalho teórico. Este último, por fim, é implementado na seção subsequente, onde expomos nossa proposta de relativização, expansão e complexificação da noção freudiana de repúdio à feminilidade nos sujeitos masculinos heterossexuais, esperando atualizá-la ao quadro cultural de progressiva feminização dos homens héteros – esse complexo e autocontraditório processo em que, frente à sua feminilidade interior, as masculinidades heterossexuais mostram-se crescentemente fascinadas e rendidas, mas, em paralelo (e sobremaneira no espaço do coito hétero), hesitantes, confrontando, a modo de avanços e recuos, seu arraigado repúdio.

Buscando aporte teórico

Parcela de nossa fundamentação teórica é tomada do campo disciplinar dos chamados “estudos de gênero e sexualidade”: o largo espectro, surgido a partir dos anos 1980, dos estudos queer, de gênero e dos homens e das masculinidades. Buscamos em primeiro lugar, junto a esse campo, auxílio conceitual para enfrentar algumas das referidas insuficiências teóricas em psicanálise – estas que têm sido apontadas, mais recentemente, no que diz respeito aos temas da masculinidade e da heterossexualidade (AMBRA, 2015; CHODOROW, 1994; BLEICHMAR, 2006; FOGEL, 2006, 2009; SCHNEIDER, 2006).



Com efeito, essas insuficiências parecem determinar um precário acolhimento conceitual, no interior da teorização psicanalítica, a certos interrogantes deflagrados por nosso esforço de reflexão. Por exemplo: o que é ser um homem heterossexual conforme a psicanálise? Que relações entretém a heterossexualidade, em psicanálise, com o conceito de identidade, de presença cultural e política hoje tão relevante e tão caro aos estudos queer e de gênero? Que vem a ser um “homem hétero mais feminino” em termos psicanalíticos? Essa condição subjetiva/identitária decorre de uma fuga à saída “normal” descrita por Freud para o menino na dinâmica edípica? Etc. etc... Embora não se situe entre nossos objetivos aventar qualquer resposta mais direta a essas indagações, elas constituem uma problemática mais ampla em que se insere nosso trabalho teórico.

De outra parte, com o apelo a arsenal teórico dos estudos de gênero e sexualidade, igualmente procuramos situar nossa reflexão em um horizonte (micro)político, pensando-a como contribuição ao esforço rumo a um melhor entendimento do repúdio à feminilidade pelos homens heterossexuais, entendimento que, a nosso ver, poderia subsidiar e fomentar intervenções – clínicas e/ou políticas e culturais – sobre as manifestações psíquicas e sociais desse repúdio, cujo papel é central na reprodução da heteronormatividade, da misoginia e da homofobia.

Nesse contexto, um primeiro conceito que mobilizamos é o de “masculinidades heterossexuais dissidentes”. A oposição entre masculinidades hegemônicas e não-hegemônicas é fundadora do campo dos estudos dos homens e das masculinidades, tendo sido formulada pela teórica Raewyn Connell em seu livro *Gender and Power*, de 1987. Nele, em sua elaboração conceitual em torno das masculinidades não-hegemônicas, Connell discorre sobre as masculinidades cúmplices, as subordinadas e as marginalizadas, não contemplando a ideia de dissidência – algo que tampouco irá fazer no artigo em co-autoria com James W. Messerschmidt, de 2005, onde é revisado o longo debate, entre pesquisadores do campo, derivado da proposição inicial do par masculinidades hegemônicas/não-hegemônicas. Antes, em 1998, David Savran já havia apresentado, contudo, uma das primeiras e interessantes discussões sobre a possibilidade de vinculação da ideia de dissidência a certas masculinidades heterossexuais não-hegemônicas, vinculação que passa a aparecer com certa frequência – embora de modo geralmente assistemático – na exploração teórica, histórica e etnográfica que desde então se desenvolve.



No curso de todo esse debate, sempre se colocou bastante ênfase – em sintonia com a produção teórica queer – à fluidez de fronteiras e às interseções entre, de um lado, o hétero, o homo e o bissexual, e, de outro, o masculino, o feminino e o transexual. E é formulando-a assim, de maneira fluida, múltipla e sem fixidez, respeitadora das singularidades, que propomos utilizar essa categoria das masculinidades héteros dissidentes para atender à necessidade de pensar os sujeitos que se percebem, se dão a ver e vivem suas sexualidades majoritariamente – ainda que de modo não necessariamente exclusivo ou permanente – como homens héteros, mas que performam suas heterossexualidades sob formas que podemos qualificar como desviantes da norma (ver, p. ex., nas interfaces entre antropologia e psicanálise, uso semelhante por Casals (2011)). Ao mesmo tempo, ao utilizarmos essa categoria, também consideramos a enorme potência política subversiva – destacada pela maioria dessas autoras e autores – exibida por essa heterossexualidade dissidente em sua relação com a heteronormatividade.

Outro movimento teórico que realizamos é o de localizar essas práticas eróticas de feminização do homem hétero no coito na dimensão do que Judith Butler (2002, 2003) propõe acessar como o “não-inteligível” ou “abjeto”: aquilo que é insuficientemente reconhecido ou cartografado, servindo de contraponto dialético ao que constitui o hegemônico. Porque essas práticas eróticas feminizantes, de uma maneira geral, e, dentre elas, mais ainda, a erotização anal masculina (associada ou não ao *pegging* e à dominação) e os erotismos tântrico e taoísta (em sua passivização, “desgenitalização” e desterritorialização erógena etc.), configuram-se, precisamente, como práticas-tabu – ou abjetificadas – no terreno da sexualidade masculina hétero em suas formas hegemônicas.

Uma terceira noção importante em nosso trabalho é a de “homens hétero-queer” (*straight-queer men*), cunhada pelo pesquisador do campo dos estudos dos homens e das masculinidades Robert Heasley (2005). Como resultado de um estudo etnográfico junto a universitários estadunidenses, Heasley propõe uma tipologia de “masculinidades straight-queer”. Seu intuito foi visibilizar e explorar o fato de que, conforme seu esforço etnográfico, “muitos homens héteros experimentam e demonstram uma ‘masculinidade queer’” (p. 310). O autor define essa masculinidade hétero-queer como “formas de ser masculino fora das construções heteronormativas de masculinidade que desestabilizam ou têm o potencial de desestabilizar a masculinidade heterossexual hegemônica” (p. 310).



Heasley (2005) postula cinco categorias “não-lineares, não-hierarquizadas e não-excludentes” de homens straight-queer: (1) homens héteros afeminados (ou *sissy*), (2) hétero-queers pautados por justiça social, (3) hétero-queers facultativos, (4) hétero-queers engajados e (5) homens vivendo à sombra da masculinidade. Tais categorias refletem as combinações, em diferentes graus e interseções, de aspectos repudiados pelas masculinidades hegemônicas como as identidades e experiências enviesadas de modo mais intenso pela feminilidade e/ou pela homoafetividade, em paralelo a aproximações mais substanciais aos universos culturais e de sociabilidade de mulheres e de gays; e consideram, ainda, os diversos graus de consciência ideológica, ação política e publicização ou não, por esses homens, dessa sua performatividade queer.

Partindo do conceito proposto por Heasley, arriscamo-nos a sugerir que a dificuldade, o desinteresse ou o constrangimento da maior parte dos homens hétero-queers em “tirar do armário” a sua queeridade de modo geral – e, no caso mais específico do presente artigo, a feminilidade ou fantasias de feminização durante o sexo com uma mulher (que seria uma dificuldade, desde um ponto de vista psicanalítico, para bancar o seu desejo) – mantêm forte relação com o que Eve Sedgwick (1985), outra destacada teórica queer, denomina “pânico homossexual”. Sedgwick postula essa noção a fim de pensar o temor que a maioria dos homens héteros carrega de que, por exemplo, seus sonhos, fantasias ou atos falhos, seus gestos ou expressões e mesmo suas eventuais práticas eróticas efetivas (passadas ou presentes) envolvendo outros homens, ou, ainda, a erotização do ânus durante o coito hétero ou a masturbação possam indicar, revelar ou demonstrar, a si próprios ou a outros, significativas dimensões homossexuais latentes de seu desejo.

Se o apelo a esse conceitual dos estudos de gênero e sexualidade nos habilita a uma melhor aproximação a certas facetas ainda insuficientemente exploradas, em psicanálise, da masculinidade e da heterossexualidade, alguns autores no campo psicanalítico, como Monique Schneider, Silvia Bleichmar, Gerald I. Fogel e Nancy Chodorow, já vêm avançando, conforme mencionamos, reflexões bastante substantivas em torno a essas temáticas.

Monique Schneider (2006), em sua obra *Généalogie du masculin*, foi, possivelmente, a primeira psicanalista a produzir uma firme intervenção teórica, contemporaneamente, sobre o tema da masculinidade. Schneider sustenta que a psicanálise naturalizou a



masculinidade e desconsiderou o seu caráter social e psiquicamente construído através da negação do feminino – a negação fundadora do masculino do “não ser a mãe e não ser a mulher” (SCHNEIDER, 2006, p. 24). Disso foi resultado, por exemplo, a ênfase teórica psicanalítica sobre o pênis e o falo, que inclui um desinteresse pelos testículos, de par com um desinteresse teórico concomitante também pela pele como região erógena recalcada no homem, transformada, cultural e psiquicamente, em um escudo epidérmico.

Já Silvia Bleichmar, no seu livro *Paradojas de la sexualidad masculina* (2006), oferece uma reflexão mais diretamente preocupada com o tratamento. Seu motivador primário são as consequências clínicas das insuficiências teóricas em torno à constituição do masculino sob o ponto de vista psíquico. Mais especificamente, ela lamenta a falta de um exame mais cuidadoso e adequado de um fenômeno da dinâmica edípica que ela aponta como constituindo o grande paradoxo da sexualidade masculina: o fato de que “só se possibilita a instauração da virilidade [no menino] às custas da incorporação [fantasmática] do pênis paterno”, e que isso vem instaurar uma perene “angústia homossexual” nos homens heterossexuais (BLEICHMAR, 2006, p. 30) – acompanhada, habitualmente, dos temores de feminização, passivização e submissão anal. Bleichmar sugere que, por essa razão, a psicanálise mantém uma “dívida clínica e ética” com muitos pacientes homens, por ter interpretado seus fantasmas de masculinização, que com frequência envolvem a relação com outro homem e/ou a erotização do ânus, como fantasmas homossexuais, e “sem oferecer [a eles] outra alternativa que a aceitação resignada de aspectos ‘homossexuais inconscientes’” (BLEICHMAR, 2006, p. 30).

Um terceiro autor em cuja reflexão nos referenciamos é o winnicottiano Gerald I. Fogel (2006, 2009). Com base em sua clínica, ele indica a necessidade, a fim de melhor compreender o desenvolvimento psicosssexual tanto de homens quanto de mulheres – evitando, também, o “potencial dos estereótipos de gênero e das predisposições teóricas implícitas para imporem distorções na contratransferência ou pontos cegos teóricos” (FOGEL, 2006, p. 1140) –, de se considerar, como já antes mencionado, uma dimensão feminina que seria uma contrapartida à dimensão fálica, que tanto destaque recebe na teorização psicanalítica.

Para sua construção teórica, Fogel (2009) apoia-se em recente literatura da área da psicologia feminina, que relata a observação, em mulheres adultas, de “forças e vulnerabilidades que também são genitais-



edipianas, pós-ambivalentes e triádicas, mas conceitualmente separáveis e complementares ao que habitualmente chamamos ‘fálico’, como no termo ‘fálico-edipiano’” (2009, p. 231). A essa dimensão feminina da psicosexualidade, vinculada à experiência genital interior menos recalçada nas meninas, Fogel propõe designar, conforme já assinalamos, como “cloacal”, a fim de “referir à metade ‘feminina’ de um homem” e também de uma mulher, “da mesma forma como fálico refere à metade ‘masculina’ de ambos os sexos”. Da mesma forma que o fálico, com o qual constitui uma “polaridade bissexual”, complexa e complementar, o “cloacal”, na formulação de Fogel, também é sujeito à castração: sem essa experiência de interioridade, sem o “acesso a esse continente mais ambíguo do cloacal” que contribui para o “desenvolvimento mais integral da genitalidade psicosexual” e da individualidade, “um homem [assim como uma mulher] é castrado” (FOGEL, 2009, p. 231-233). Tal interioridade feminina ou “cloacal” seria, de acordo com o autor, uma importante dimensão que não apenas a cultura falocêntrica, mas também a teoria psicanalítica, têm historicamente recalçado na constituição da masculinidade.

Entre diversos outros aspectos, Fogel (2006, 2009) analisa como a erotização, no homem heterossexual, das regiões do ânus, dos testículos, do peito e também da pele podem ser confundidas, por pacientes e analistas, como indícios de uma homossexualidade latente que pede passagem. Em um argumento que dialoga deliberadamente com a teoria queer, o autor reclama ainda, como outros teóricos contemporâneos, uma complexificação do entendimento da dinâmica edípica, que transcenda a lógica redutora dos opostos de forma a contemplar as múltiplas, ambíguas, inclusivas e imprevisíveis possibilidades de identificações de gênero – tanto fállicas quanto “cloacais” – que podem ocorrer, de acordo com ele, com ambas as figuras parentais.

Por sua vez, Nancy Chodorow (1994) aponta que, como é bem sabido, na teorização psicanalítica a heterossexualidade “é representada pelas descrições, por Freud, do caminho para a feminilidade normal nas meninas e pela resolução edípica positiva nos meninos” (p. 33-34). Mas, para além disso, segundo a autora, os avanços nunca foram muito esclarecedores; de modo que se termina por definir a heterossexualidade “normal” apenas “negativamente, como aquilo que os psicanalistas tendem a ver como não exigindo especial atenção, em contraste com a homossexualidade e as perversões” (p. 34). Em contraponto a isso, Chodorow procura enfatizar (algo que, para ela, deveria ser evidente) que



“dizer ‘normal’ não significa que não haja variedade no interior da heterossexualidade” (p. 34). Como resultado dessa atitude, isto é, pelo fato de tê-la “tomado como pressuposta” e de não ter descrito “suas origens e vicissitudes”, a autora assinala que “a psicanálise não tem uma explicação para o desenvolvimento da heterossexualidade ‘normal’”, nem tampouco, por isso mesmo, para a “enorme gama de heterossexualidades nesta implicadas” (p. 34).

Menos repulsa, mais fascínio

Passemos, então, à formulação freudiana da recusa da feminilidade pelos homens. Esta, também referida em psicanálise como “negação”, “repulsa” ou “fuga”, aparece, na edição em português da Imago (FREUD, 1996 [1937]) de *Análise terminável e interminável*, como um “repúdio” da feminilidade. Freud (1991 [1937]) a constrói elaborando a partir de diversas fontes: a noção de Alfred Adler do “protesto masculino”; a formulação da fuga da feminilidade por Karen Horney (1926); e seu próprio uso sem maior formalização em outros momentos de sua obra (como, destacadamente, em *História de uma neurose infantil* (FREUD, 1992 [1918])). Vejamos como ele finalmente a descreve em *Análise terminável e interminável*, de 1937.

Lembremos que Freud (1991 [1937]) trata, na seção 8 desse escrito, de dois obstáculos transferenciais que vêm a ser as duas modalidades (ou os dois “correspondentes manifestos”) de recusa da feminilidade, uma modalidade para os homens, outra para as mulheres. Se, na mulher, este obstáculo intransponível consiste na negativa a abrir mão da inveja do pênis e do seu conseqüente desejo por ele, no caso do homem, ele consiste na

[...] revolta contra sua atitude passiva ou feminina com respeito a outro homem. Isso foi destacado geralmente bastante cedo na nomenclatura psicanalítica como conduta frente ao complexo de castração, e mais tarde Alfred Adler impôs o uso da designação, inteiramente acertada para o caso do homem, de “protesto masculino”; creio que “repúdio da feminilidade” teria sido desde o princípio a descrição correta deste fragmento tão assombroso da vida anímica dos seres humanos. (FREUD, 1991 [1937], p. 252)



Freud (1991 [1937]) comenta que, “em nenhum momento do trabalho analítico, se padece mais sob o sentimento de um esforço que se repete infrutiferamente, sob a suspeita de ‘predicar no vazio’”, como quando “se pretende convencer aos homens que uma atitude passiva frente a um homem nem sempre tem o significado de uma castração e é indispensável em muitos vínculos na vida” (FREUD, 1991 [1937], p. 253). Face a “uma das mais fortes resistências transferenciais”, que deriva da supercompensação desafiante do homem, Freud agrega ainda que “se tem com frequência a impressão de haver atravessado todos os substratos psicológicos e chegado, com o desejo do pênis [na mulher] e o protesto masculino, à ‘rocha de base’, e, desse modo, ao fim de sua atividade” (FREUD, 1991 [1937], p. 253).

Se esse repúdio da feminilidade pelos homens é formalizado por Freud tardiamente, no contexto de um trabalho sobre técnica clínica como é *Análise terminável e interminável*, é importante observar que ele aparece acompanhado ou como corolário, na obra freudiana – desde pelo menos 1923, em *A organização genital infantil* –, de um rebaixamento da mulher em diversas outras formulações. Disso são exemplos mais contundentes o próprio conceito *princeps* de castração em Freud – segundo o qual a mulher foi destituída de algo (o pênis) que, supostamente, todos os seres humanos de ambos os sexos originariamente teriam possuído, ficando condenada a reconquistá-lo; a ideia de uma incompleta resolução pela menina do complexo de Édipo, fadando-a para toda a vida, pelo inadequado desenvolvimento do supereu, a um flerte constante com a irracionalidade e a infantilidade; e uma última ideia, decorrente dessa anterior, de que, por essas irracionalidade e infantilidade e por seu apego à constituição familiar, ela seria portadora permanente de um potencial de ação contracivilizatório.

Pois bem: uma revisitação à noção de repúdio da feminilidade, em Freud, precisa reconhecer, de início, não ter sido ela formulada de uma maneira tão categórica ou monolítica como os fragmentos mais acima parecem indicar. Isto é, o “não ser a mãe, nem a mulher” (SCHNEIDER, 2006) e a “metade feminina perdida” (e que necessita ser recuperada) tanto pelos homens quanto pela psicanálise (FOGEL, 2006, p. 1143) não são, ao menos no caso dessa noção, assim tão absolutos. No parágrafo derradeiro de *Análise terminável e interminável*, Freud abre uma última nota em que alerta:

A designação “protesto masculino” não deve induzir ao erro de supor que o repúdio do homem recaia sobre a atitude passiva, sobre o



aspecto por assim dizer social da feminilidade. O contradiz a observação, fácil de corroborar, de que tais homens exibem uma conduta masoquista frente à mulher, uma clara e simples servidão. O homem só se defende da passividade frente ao homem, não da passividade em geral. Em outras palavras: o protesto masculino nada mais é que uma angústia de castração (FREUD, 1991 [1937], p. 254, grifo nosso).

Essa relativização ou afrouxamento da noção por Freud, ainda assim, deixa margem a certa confusão. Numa primeira dúvida, podemos indagar se, no campo da sociabilidade, a incorporação de alguma feminilidade aplica-se apenas ao convívio com mulheres, como apregoa Freud, ou também àquele com homens. Porque, conforme assevera o próprio Freud em uma das citações mais acima (em aparente autocontradição), a vida em sociedade somente é viável, justamente, porquanto atitudes passivas frente a outros homens são, de fato, eventualmente tomadas – porque necessárias. Em segundo lugar, a afirmação por Freud de que o homem não se defenderia da passividade frente às mulheres também parece ser parcialmente contradita – ao menos no campo da sexualidade – pelo caráter abjeto ou não-inteligível em que são massivamente mantidas, mesmo pelos poucos homens que as performam, as práticas hétero-queer da submissão, do *pegging* e/ou da dominação no coito heterossexual – como já foi mencionado em nossa referência à pesquisa etnográfica com prostitutas que foi objeto de análise por Lynne Segal (1994).

Uma possibilidade, então, é supor que estariam implícitos, na descrição de Freud, os diferentes graus de repúdio da feminilidade passíveis de comparecimento na dinâmica de constituição de um sujeito masculino com escolha de objeto heterossexual. Assim, diferentes graus de repúdio ou repressão da feminilidade iriam desde um rechaço radical desta; passariam por aquele grau, já não tão radical, que autoriza o posicionamento social em atitudes passivas frente a outros homens – reconhecido implicitamente pelo próprio Freud, quando de sua descrição da rocha da castração, como “indispensável em muitos vínculos na vida”; passariam ainda, em graus progressivamente menos acentuados de recusa, até a aceitação prazerosa da adoção de uma posição sexual submissa frente a uma mulher, aí incluídas as práticas como o *pegging* e a dominação; até chegar ao grau em que, em análise, segundo Freud, surge o obstáculo que seria impossível de transpor, o do substrato da rocha da castração: ocupar uma posição passiva frente a outro homem – equivalente, simbolicamente, à posição que, frente a um homem, ocupa sexualmente, como castrada, uma mulher.



De toda maneira, para nossos fins aqui, o que mais importa destacar, provavelmente, é a maneira como a feminilidade repudiada pelos homens, conforme a noção freudiana, vem enlaçada, cultural, psíquica e teoricamente, à homossexualidade – porque, em última instância, a noção clínica da rocha da castração implica negar-se a assumir uma posição que, para Freud, não só é feminina ou castrada, mas homossexual.

Podemos tomar o caso do Homem dos Lobos, relatado em *História de uma neurose infantil* (FREUD, 1992 [1918]), como exemplo desse que seria um vínculo freudiano forte entre feminilidade no homem e homossexualidade. Esse também é, talvez, o texto em que Freud se detém com maior minúcia sobre a dinâmica psíquica do repúdio à feminilidade nos homens, embora só viesse a formalizá-la, teoricamente, em *Análise terminável e interminável*. Mas recordemos inicialmente, de forma muito sintética, as linhas gerais do caso do célebre paciente russo de Freud. Talvez seja suficiente, aqui, recordar que a libido do russo havia sido submetida, na infância, a uma “fragmentação” (FREUD, 1992 [1918], p. 42) em duas correntes pulsionais principais.

Uma delas, inconsciente e homossexual, derivou do desejo de colocar-se no lugar da mãe e receber o pênis do pai, tal como vivenciado em sua suposta observação, construída em análise por Freud, da cena primordial do coito dos pais em idade precoce. Esse desejo “homossexual ou feminino”, como o descreve Freud no texto, viria a sofrer, por ocasião do conhecido sonho do menino com os lobos, relatado por Freud, uma brutal repressão por conta do seu “repúdio” (FREUD, 1992 [1918], p. 43) pela força pulsionante da “libido narcisista genital” (FREUD, 1992 [1918], p. 43-44). A repressão ocorre porque, nesse momento, o menino, com cerca de 4 anos, já possuía uma organização genital incipiente, estando apto a perceber, *a posteriori* com relação ao momento da suposta observação da cena primordial, que, para assumir o lugar da mãe, seria preciso abrir mão de seu pênis.

A outra corrente, consciente e heterossexual, que levou à sua “escolha definitiva de objeto” (Freud, 1992 [1918], p. 86), havia sido objeto de uma já anterior regressão, desde a organização genital incipientemente adquirida, e por isso débil, à fase sádico-anal, onde, identificando-se com o lugar ocupado pelo pai na cena primordial observada, assume uma predileção pela satisfação do desejo pela via degradante do coito *a tergo*, com mulheres de classe social mais baixa.



Vejamos duas passagens próximas em que Freud (1992 [1918]) sintetiza parte desses processos:

A atitude homossexual, consumada durante o sonho, é tão intensa que o eu do nosso homenzinho falha em dominá-la e dela se defende mediante o processo da repressão. Como auxiliar para esse propósito é convocada sua oposta, a masculinidade narcisista do genital (FREUD, 1992 [1918], p. 101, grifos nossos).

E logo, considerando o estado que sobreveio após o sonho:

Se fosse certo que a masculinidade triunfou sobre a homossexualidade (feminilidade) no curso do processo onírico, por força encontraríamos dominante agora uma aspiração sexual ativa de caráter masculino bem pronunciado. Mas não há nada disso; o essencial da organização sexual não varia, a fase sádico-anal persiste, permaneceu sendo a dominante. O triunfo da masculinidade só se mostra no fato de que agora se reage com angústia ante as metas sexuais passivas [...]. Não houve nenhuma moção sexual masculina triunfante, apenas uma moção passiva e uma revolta contra esta (FREUD, 1992 [1918], p. 101, grifo nosso).

Além da forte equivalência entre feminilidade e homossexualidade, outro aspecto que encontramos em *História de uma neurose infantil* e que parece ser preponderante, depois de 1923, está bem consubstanciado nessas passagens do texto freudiano. Vem a ser uma forma dicotômica talvez um pouco redutora, pouco elástica e fluida na maneira de entender tais correntes pulsionais principais feminina e masculina do seu paciente – forma que Gerald I. Fogel (2009) qualifica como promotora de “polaridades redutoras” ou pouco complexas e complementares (forma “ou/ou”).

Queremos crer que uma corrente pulsional feminina ou masculina, numa visão contemporânea, informada por uma visada de gênero ou queer como a apregoada por Fogel (2006; 2009), por exemplo, não seria algo monolítico, mas complexo e autocontraditório, porque articulado através de uma vasta e múltipla rede de fantasias e erotizações e atravessado também, segundo a visão desse autor, pelo seu par complementar (respectivamente o fálico e o cloacal), em combinações edípicas e pós-edípicas “infinitamente variáveis e imprevisíveis” (FOGEL, 2009, p. 244) – em linha, portanto, com o entendimento de Chodorow (1994) a respeito do caráter múltiplo e diverso da heterossexualidade.

Como decorrência disso, diversamente de uma nítida demarcação nas escolhas de objeto como a adotada por Freud (1992 [1918]) no texto sobre seu paciente russo (ou homossexual, ou heterossexual, sendo esta última a escolha “definitiva”), essas escolhas também não seriam, em consonância com a teoria de gênero/queer, estanques em termos de



escolha de objeto (hétero, homo, bi etc.), havendo certa fluidez entre elas – o que contempla o caso de homens majoritariamente, mas não exclusivamente héteros sob o ponto de vista identitário, os quais constituem uma parcela das masculinidades hétero-queer (HEASLEY, 2005) e das heterossexualidades dissidentes.

Mais um elemento presente no relato do Homem dos Lobos, parece-nos, é uma polarização redutora também entre a corrente pulsional consciente (“masculina/heterossexual”) e a inconsciente brutalmente reprimida (“feminina/homossexual”) – aparentemente havendo entre elas poucos caminhos para trânsitos e combinações. Embora essa talvez seja uma característica bem acentuada do próprio paciente, Freud (1992 [1918]) não chega a sublinhar essa peculiaridade de sua constituição psicosssexual como faz para outras de suas características, que por vezes têm até mesmo uma dinâmica inversa; por exemplo, com respeito às suas “posições libidinais”, ele escreve que nenhuma delas, “uma vez estabelecida, era cancelada por completo por uma mais tardia”, o que lhe permitia “uma oscilação constante que demonstrou ser inconciliável com a aquisição de um caráter fixo” (FREUD, 1992 [1918], p. 26). Aliás, talvez se constitua aqui, inclusive, uma contradição interna ao texto de Freud sobre o russo – algo que revelaria sua riqueza em termos de ambivalência teórica (além da construção literária primorosa).

Acreditamos ser esse tipo de trânsito, entre dimensões conscientes e inconscientes, que poderia ser tomado em conta à luz do grande paradoxo da masculinidade postulado por Silvia Bleichmar (2006) – o pano de fundo homossexual da heterossexualidade masculina. O argumento da psicanalista argentina, com base nas fantasias e erotizações de alguns de seus pacientes héteros, parece ter como fundamento, precisamente, o trânsito ou comunicação entre a parcela latente ou homossexual do desejo e a manifesta heterossexual, rompendo com a polarização tão antagônica entre as duas correntes pulsionais.

Mas, a partir dessas várias considerações, retornemos à atualização da noção de repúdio da feminilidade pelos homens hétero em psicanálise. É certo que, desde a época de Freud, muito se avançou, em termos culturais, na integração da feminilidade às masculinidades heterossexuais. Além das formas comumente aceitas no Ocidente ao princípio do século 20 (na sociabilidade com mulheres ou em situações, com homens, “indispensáveis em muitos vínculos na vida”, segundo o testemunho de Freud), já tem havido, como referimos, a integração de outros atributos e papéis mais femininos para os homens: por exemplo, o



posicionamento no “lugar da mãe”, caso dos novos homens cuidadores, na família ou no trabalho; o posicionamento no “lugar da mulher” como sedutora pela via do mascaramento, que parece ser o caso com os metrossexuais etc. Tais fenômenos já vêm inclusive sendo reverberados pela psicanálise, a ponto de alguns autores proporem a renomeação de certos conceitos, como o de função paterna para função terceira (GLOCER FIORINI, 2016), ou a ampliação de outros, como os de sedução e mascaramento, a fim de abranger os homens (GUIMARÃES, 2005).

Conforme exposto ao princípio do artigo, a aposta em atualizar – via relativização, expansão e complexificação – a noção de repúdio da feminilidade em psicanálise, conferindo-lhe menor ênfase na repulsa e maior espaço ao fascínio dos homens para com a feminilidade, tem entre seus objetivos oferecer alguma contribuição, somando-se a outras que já vêm sendo disponibilizadas, para uma maior integração teórica do feminino (e mesmo do homossexual, como no caso de alguns dos homens hétero-queer) à compreensão psicanalítica das masculinidades heterossexuais.

Essa maior integração teórica do feminino (e mesmo do homossexual, ocasionalmente) à heterossexualidade masculina, desfazendo o enlace necessário (totalizante, redutor, decisivo) do feminino (castrado e/ou frente a outro homem, nos termos de Freud) com a homossexualidade, caminharia na direção dos objetivos clínicos de Bleichmar (2006, p. 36), de resgate da “dívida ética” da psicanálise para com muitos pacientes homens, por ter interpretado alguns de seus fantasmas de masculinização, que envolvem a relação com outro homem e/ou a erotização do ânus, como fantasmas homossexuais e “sem oferecer [a eles] outra alternativa que a aceitação resignada de aspectos ‘homossexuais inconscientes’”; ou de Fogel (2006, p. 1140), de evitar o “potencial dos estereótipos de gênero e das predisposições teóricas implícitas para imporem distorções na contratransferência ou pontos cegos teóricos”. Além disso, poderia ampliar a possibilidade de a psicanálise intervir (micro)politicamente, via escuta clínica e via presença da teoria psicanalítica no debate político e cultural, com vistas a um ainda maior acolhimento psíquico e cultural da feminilidade em masculinidades heterossexuais gradativamente mais plurais e múltiplas – e, conseqüentemente, menos misóginas e homofóbicas.

Acreditamos que um passo teórico necessário, para a persecução desses vários objetivos, seria, portanto, desfazer o vínculo direto entre a feminilidade e a homossexualidade presente na formulação freudiana do



repúdio da feminilidade. Quem sabe, isso poderia contribuir, entre outros fins, para tornar menos abjetos e mais inteligíveis fenômenos hétero-queer e dissidentes como a feminização do homem em práticas eróticas heterossexuais – que vão desde a erotização anal masculina mais “simples” no coito hétero, passando pelo erotismo de origem oriental, até práticas como o *pegging* e a dominação.

Esse avanço teórico (o desfazimento do vínculo direto entre feminilidade e homossexualidade) demandaria, a nosso ver, uma relativização ou afrouxamento daquilo que aparece como um limite na formulação freudiana do repúdio da feminilidade pelos homens héteros: a barreira da negativa tão dura e impermeável a assumir uma posição a um só tempo “castrada e homossexual” – a qual se manifesta clinicamente, segundo Freud, sob a forma da intransponibilidade da rocha da castração. A relativização ou permeabilização dessa barreira, em termos conceituais, poderia decorrer de uma complexificação que acolhesse as ambivalências implicadas no pano de fundo homossexual da heterossexualidade masculina (BLEICHMAR, 2006); a complementaridade complexa entre o fálico e o cloacal e a infinita e imprevisível combinação de identificações fálicas e cloacais com ambas as figuras parentais na dinâmica edípica e pós-edípica (FOGEL, 2006, 2009); e a fluidez característica das identidades de gênero e sexuais da teoria queer, como no conceito de homens hétero-queer (HEASLEY, 2005) – entre outras formulações que possam ser mobilizadas.

Por meio dessa relativização e complexificação, pensamos que a noção freudiana de repúdio da feminilidade resultaria conceitualmente expandida, capacitando-a, sob o ponto de vista metapsicológico, a acolher o jogo das diferenças e fluidificar o trânsito entre as correntes pulsionais conscientes e inconscientes; homossexuais e heterossexuais; e masculinas e femininas. Mantendo a ideia da manifestação, na clínica, da barreira da rocha da castração – porque psíquica e culturalmente ainda presente de maneira robusta –, mas atualizando-a, pela sua permeabilização (fazendo-a transponível...), à paisagem psíquica, política e cultural da contemporaneidade.

Considerações finais



Por fim, seria importante ressaltar que nosso foco, aqui, centrou-se sobre a noção de repúdio à feminilidade nos homens héteros, objetivando conferir-lhe, conceitualmente, menor ênfase à repulsa e maior espaço ao fascínio que, sobre eles, exerce sua feminilidade constitutiva. Buscamos, assim, melhor integrar o feminino às masculinidades heterossexuais, especialmente no terreno das práticas de feminização dos homens no coito hétero. Quanto ao fascínio propriamente dito exercido, sobre os homens héteros, por sua feminilidade interior e por essas práticas eróticas feminizantes, limitamos a assinalar sua crescente manifestação no quadro cultural contemporâneo, abstando-nos de um esforço mais detido que visasse agregar à sua melhor compreensão metapsicológica. Tarefa essa que fica como resto para outros momentos...

Referências

AMBRA, P. *O que é um homem? Psicanálise e história da masculinidade no Ocidente*. São Paulo: Annablume, 2015.

ANDRÉ, J. *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996 (1995).

BLEICHMAR, S. *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

BUTLER, J. *Bodies that matter: On the discursive limits of “sex”*. New York: Routledge, 2002.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRELLAS, B. *Urban tantra: Sacred sex for the twenty-first century*. Nova Iorque: Celestial Arts, 2007.



CASALS, D. I. *Subjetivaciones masculinas: Subjetividades, género y poder en lo social*. Montevideu: Psicolibros, 2011.

CHIA, M.; WINN, M. *Taoist secrets of love: Cultivating male sexual energy*. Santa Fe: Aurora, 1984.

CHODOROW, N. *Femininities, masculinities, sexualities: Freud and beyond*. Lexington, Kentucky: The University Press of Kentucky, 1994.

COHAN, S.; HARK, I. R. (Orgs.). *Screening the male: Exploring masculinities in Hollywood cinema*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1993.

CONNELL, R. W. *Gender and power: Society, the person and sexual politics*. Cambridge: Polity Press, 1987.

CONNELL, R. W. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic masculinity: Rethinking the concept. *Gender & Society*, v. 19, n. 6, p. 829-859, Dec. 2005.

CRASH – Estranhos Prazeres. Direção de David Cronenberg. Reino Unido: David Cronenberg, 1996. (100 min.), color.

eXistenZ. Direção de David Cronenberg. Roteiro: David Cronenberg. Canadá: Alliance Atlantis, 1999. (97 min.), Color.

FOGEL, G. Interiority and inner genital space in men: What else can be lost in castration? In: REIS, B.; GROSSMARK, R. *Heterosexual masculinities: Contemporary perspectives from psychoanalytic gender theory*. Nova Iorque: Routledge, 2009. p. 231-259



FOGEL, G. Riddles of masculinity: Gender, bisexuality and thirdness. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, v. 54, n. 4, dec. 2006, p. 1139-1163.

FREUD, S. Análisis terminable e interminable. *In: FREUD, S. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991. v. 23, p. 211-254. Originalmente publicado em 1937

FREUD, S. Análise terminável e interminável. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.23. Originalmente publicado em 1937

FREUD, S. De la historia de una neurosis infantil. *In: FREUD, S. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores. 1992. v. 17, p. 1-112. Originalmente publicado em 1918

FREUD, S. Escritores criativos e devaneio. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 9, p. 133-146. Originalmente publicado em 1908

FREUD, S. Organização genital infantil. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.19. Originalmente publicado em 1923

GLOCER FIORINI, L. La nostalgia del padre: ¿función paterna o función tercera? *In: P. Alkolombre & C. S. Holovko (Orgs.). Parentalidades y género: su incidencia en la subjetividad* (pp. 31-38). Buenos Aires: Letra Viva, 2016.

GREVEN, D. *Manhood in Hollywood from Bush to Bush*. Austin, Texas: University of Texas Press, 2009.



GROSZ, E. *The nick of time: Politics, evolution, and the untimely*. Crows Nest, Australia: Allen & Unwin, 2004.

GUIMARÃES, L. Não se apaixone!: A máscara da feminilidade contemporânea. *Opção Lacaniana*, 44, 66-76, 2005.

HEASLEY, R. Queer masculinities of straight men. *Men and Masculinities*, v.7, p. 310-320. 2005.

HORNEY, K. A fuga da feminilidade. In: HORNEY, K. *Psicologia feminina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991. p. 51-66. Originalmente publicado em 1926

IRIGARAY, L. *Speculum de l'autre femme*. Paris: Minuit, 1974.

IRIGARAY, L. *Ce sexe qui n'en est pas un*. Paris: Minuit, 1977.

IRIGARAY, L. *Éthique de la différence sexuelle*. Paris: Minuit, 1984.

IRIGARAY, L. *J'aime à toi: Esquisse d'une félicité dans l'histoire*. Paris: Grasset, 1992.

KOHN, L. *Introducing Daoism*. Nova Iorque: Routledge, 2009.

KOHN, L.; WANG, R. R. (Orgs.). *Internal alchemy: Self, society, and the quest for immortality*. Magdalena, New Mexico: Three Pines, 2009.

KRIPAL, J. J. Remembering ourselves: On some countercultural echoes of contemporary tantric studies. *Religions of Southeast Asia* v. 1, p. 1, p. 11-28, 2007.



LOREN, S. Mutating masculinity: re-visions of gender and violence in the cinema of David Cronenberg. *In: LÄUBLI, M.; SAHLI, S. Männlichkeiten denken: Aktuelle Perspektiven der kulturwissenschaftlichen Masculinity Studies*. Bielefeld: Transkript, 2011. p. 151-170

NEALE, S. Masculinity as spectacle. *Screen*, v. 24, n. 6, p. 2-17, 1983.

OPERAÇÃO Babá. Direção de Adam Shankman. Roteiro: Thomas Lennon, Robert Ben Garant. 2005. (95 min.), color.

PRECIADO, B. Terror anal: Apuntes sobre los primeros días de la revolución sexual. *In: HOCQUENGHEM, Guy. El deseo homosexual*. Tenerife: Editorial Melusina, 2009. p. 133-172

SÁEZ, J.; CARRASCOSA, S. *Por el culo. Políticas Anales*. Madrid: Editorial Egales, 2011.

SAVRAN, D. *Taking it like a man: White masculinity, masochism, and contemporary American culture*. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1998.

SCHNEIDER, M. *Généalogie du masculin*. Paris: Flammarion, 2006.

SEGAL, L. *Straight sex: Rethinking the politics of pleasure*. Berkeley: University of California Press, 1994.

SEDGWICK, E. K. *Between men: English literature and male homosocial desire*. New York: Columbia University Press, 1985.

STONE, A. *Luce Irigaray and the philosophy of sexual difference*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.



STONE, A. Sexual difference. In: DISCH, Lisa; HAWKESWORTH, Mary. (Orgs.). *The Oxford handbook of feminist theory*. Oxford: Oxford University Press, 2016, pp. 874-893.

TRÊS solteirões e um bebê. Direção de Leonard Nimoy. Estados Unidos, 1987. (104 min.), color.

URBAN, H. The cult of ecstasy: Tantrism, the New Age and the spiritual logic of late capitalism. *History of Religions*, v. 39, n. 3, p. 268-304, 2000.

URBAN, H. *Tantra: Sex, secrecy, politics, and power in the study of religion*. Berkeley: University of California Press, 2003.

WILLIAMS, L. R. The inside-out of masculinity: David Cronenberg's visceral pleasures. In: AARON, M. (Org.). *The body's perilous pleasures: Dangerous desires and contemporary culture*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999. p. 30-48

VIDEODROME - A Síndrome do Vídeo. Direção de David Cronenberg. Canadá: David Cronenberg, 1983. (87 min.), color.

Menos Repulsión, Más Fascinación: Feminización De Los Hombres Héteros En El Coito Y Desautorización Freudiana De La Feminidad

RESUMEN: En este artículo, ofrecemos una reflexión sobre las prácticas de feminización de los hombres heterosexuales en el espacio del erotismo, especialmente en sus formas más contundentes y psíquicamente amenazadoras, de las cuales tomamos como ejemplos la erotización anal masculina y los erotismos tántrico y taoísta. Estas prácticas feminizantes, si bien han producido una creciente fascinación sobre muchos hombres héteros, siguen ocasionando fuerte repulsión psíquica y permanecen segregadas en el terreno de la ininteligibilidad cultural. Intentando contribuir para la elaboración teórica sobre el tema en psicoanálisis, sugerimos la relativización, expansión y complexificación de la noción de desautorización de la feminidad por los sujetos masculinos heterosexuales formulada por Freud (1991 [1937]), actualizándola por y para la contemporaneidad cultural. De esta actualización, entendemos que debería resultar una menor énfasis de tal noción sobre la repulsión y un mayor espacio, en ella, para la fascinación de los hombres héteros respecto de su feminización. Por medio del recurso a conceptual no solo del campo psicoanalítico contemporáneo, sino también de los estudios de género y sexualidad, intentamos ubicar nuestro trabajo en un horizonte (micro)político, considerando el rol central jugado por la desautorización de la feminidad en la reproducción de la heteronormatividad, la misoginia y la homofobia.

PALABRAS CLAVE: Masculinidades. Heterosexualidades. Psicoanálisis. Tantra. Taoísmo.

Fernando Mascarello

Doutor em Cinema pela USP (2004), mestre em Psicanálise pela UFRGS (2020) e mestre em Comunicação pela PUCRS (1999). Organizou os livros História do cinema mundial (em 7a. ed.) e Cinema mundial contemporâneo, ambos pela Papirus.

Amadeu de Oliveira Weinmann

Professor do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do PPG em Psicologia Social e Institucional, ambos da UFRGS; diretor da Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS; membro do GT ANPEPP Psicopatologia e Psicanálise.

Recebido em: 29/10/2020

Aprovado em: 13/09/2022